

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Custo da precipitação

Do cume do reconhecimento consensual como um dos mais renomados economistas do país, Afonso Celso Pastore eleva a



voz até o tom áspero da irritação para manifestar o tédio com a repetição dos mesmos erros e das mesmíssimas tentativas de equivocadas soluções para estancar a inflação e reverter o quadro dramático de crise crônica.

Com a ênfase professoral de quem sabe o que está dizendo e espicaçado pelo respeitoso interesse que despertam suas análises, Pastore marca com os dedos o compasso de quatro afirmações preliminares, muitas vezes repetidas com a mesma segura convicção: 1) A inflação não vai explodir porque não é bomba; 2) Se a inflação não vai explodir também não vai cair. Continuará subindo, galgando degraus, ascendendo patamares, podendo flutuar, enganosamente, por algum tempo, para logo retomar a lenta escalada; 3) o nível da atividade econômica não baixará mais, tendendo a equilibrar-se na gíria perversa da recessão estável. A queda provocada pelo erro palmar da política de juros altos foi absorvida e há sinais de discreto aquecimento setorial, como na indústria têxtil, na automobilística e de bens de consumo. Neste 93, a tendência da produção deverá registrar ligeira ascensão; e 4) não há risco de iliquidez externa.

A introdução de Pastore dribla interpretação otimista quando se desvia para a categórica afirmação, impregnada de certeza, de que o erro da política econômica não é dos políticos, mas do diagnóstico dos especialistas.

Com diagnóstico errado, todos os planos inevitavelmente biam fracassos identificados pela galeria de ministros tangidos ao sacrifício da teimosia. Desde Mailson da Nóbrega, último ministro da Fazenda do governo do presidente José Sarney, ao desastre de dona Zélia Cardoso de Mello e ao discreto desempenho de Marçílio Marques Moreira, da dupla ministerial do governo Collor, a troca frenética de ministros dos cinco meses iniciais do presidente Itamar Franco: estreando com Gustavo Krause, logo substituído por Paulo Haddad, sumariamente despedido para a nomeação de Eliseu Resende, o país dança a ciranda do erro de diagnóstico, teimando na sustentação da moeda passiva, pendurada nas taxas estratosféricas de juros, e na fixação das taxas de câmbio.

Deixar livre a taxa de juros e permitir que o câmbio flutue significaria o retorno à economia de mercado.

A lição de Afonso Pastore, na coerência dos seus alertas e com o peso da sua inquestionável qualificação profissional, esvazia a última contradição no Ministério da Fazenda da carga de dramaticidade e expectativa de

detonadora de próxima recidiva. Na verdade, ninguém esperava do novo ministro mais do que a lengalenga tranquilizadora dos seus antecessores, na monotonia de realejo: não haverá choques nem congelamento. Nada de mágica ou de milagres.

Em termos, entenda-se. Se a inclinação presidencial é intervencionista, num primeiro repique altista será difícil segurar a tentação de um congelamento, prefixação de preços ou qualquer das panacéias do controle, de imediatos resultados para a recaída inevitável e desesperante.

Por tais descaminhos, mais dias menos dias, num prazo que não se pode prever, terminaremos na imitação argentina, buscando na dolarização o sucedâneo para a moeda nacional destruída. É para lá que estamos sendo empurrados.

O painel desenhado por Pastore, na informalidade de conversa improvisada e aqui resumido com prováveis lacunas e imperfeições, instiga a infinitas especulações. Ele não é apenas convincente pela autoridade do autor, mas irresistivelmente envolvente na abertura de novos ângulos de avaliação do que está à vista, toldado pela mediocridade, e das efetivas possibilidades de reviravolta.

O rompante do presidente Itamar Franco, trocando Paulo Haddad por Eliseu Resende, murcha para a gratuidade da inconsequência: tanto faz como tanto fez. Não ia acontecer nada; não vai acontecer nada; nada está acontecendo. Insistimos no trote curto em marcha batida para a crise de verdade. Sempre será possível corrigir a rota e tentar mudar o rumo. Ou esperar pelo pior, pelas medidas traumáticas de salvação, no espasmo da emergência.

Ora, a revelação do plano do ministro Haddad, por ele desmentido e reafirmado pela *Veja*, entortou a apreciação do incidente da demissão do ministro ao sugerir que, se o presidente Itamar tivesse controlado seu açoitamento e providenciado a divulgação das propostas birutas, teria evitado o impacto e invertido sinais. Pois, se o plano é mesmo do Haddad, a demissão está mais do que justificada.

Além do que, se tudo vai continuar na mesma toada...

Impossível resistir ao fascínio de ir um pouco adiante no repasse do que poderia ter sido ou do que ainda poderá ser. Um erro de diagnóstico da política econômica, tal como Pastore aponta, pode ser o responsável pelo obtuso andar em círculo ao redor da crise dos nossos 12 anos perdidos de inflação e de desenvolvimento empacado.

Em escala mais modesta, o erro de cálculo do presidente Itamar Franco, não sabendo esperar ou fazer a hora para trocar ministros, desencadeou um rebuliço político, com profundo desgaste na sua autoridade e sensível redução da sua autonomia.

Ou andamos perseguidos por muito azar ou condenados pela incompetência. O que, afinal, dá no mesmo.